

Mídia
Data/Edição
Categoria
Evento
Versão online

Jornal
Mar. 2022
Matéria

Adriana Varejão: Suturas, fissuras, ruínas

<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2022/03/11/por-que-adriana-varejao-e-uma-das-artistas-mais-bem-sucedidas-do-brasil.ghtml>

Veículo
Seção
Autor

Valor
Eduardo Simões

Adriana Varejão ganha maior retrospectiva

A Pinacoteca de São Paulo realiza entre os dias 26 de março e 1º de agosto a mais ampla retrospectiva da artista plástica Adriana Varejão, um dos nomes mais bem-sucedidos do cenário de arte contemporânea brasileira, ao lado de Beatriz Milhazes e Vik Muniz.

Com curadoria de Jochen Volz, diretor-geral da instituição, "Adriana Varejão: Suturas, Fissuras, Ruínas" percorre 37 anos de sua produção, traz obras inéditas e algumas praticamente nunca vistas pelo público brasileiro, pois foram adquiridas há três décadas por instituições internacionais, como o museu holandês Stedelijk, ou coleções privadas.

As criações mais antigas são as pinturas "Fundo do Mar", "O Universo" e "A Praia", todas de 1985. Um conjunto de três trabalhos tridimensionais, "Ruína Brasília", apresentado ano passado na Gagosian, em Nova York, estará no Octógono da Pinacoteca. Ao lado delas, as obras "Moedor" (2021) e "Ruína 22" (2022), feitas especialmente para a exposição.

Volz já havia trabalhado, de 2005 a 2008, na criação da galeria da artista no Instituto Inhotim, em Brumadinho (MG). Segundo o curador, uma das questões que a exposição vai trazer à tona é a ambiguidade, porque suas obras são "altamente atraentes" esteticamente, mas ao mesmo tempo assustadoras. E também a maneira como Varejão busca ir além da bidimensionalidade da pintura em sua investigação. "Desde o início, ela tem uma desconfiância de uma tela plana, neutra", pondera.

"Nas primeiras pinturas, dos anos 1980, isso se dá mais pela aplicação de uma tinta com uma consistência muito pastosa e numa imersão na arquitetura barroca, usando seus elementos, criando uma ilusão de espaço, um 'trompe l'oeil'. Mas logo na virada para os 1990 ela começa a usar os primeiros cortes, as fissuras em seu trabalho." São dessa época obras como "Mapa de Lopo Homem", "Filho Bastardo" e "Filho Bastardo 2 (Cena de Interior)".

Volz ressalta ainda que a busca de Varejão por revelar "algo que está por baixo, que a gente não vê, mas não se contém mais", prossegue e se acentua nos anos seguintes com, por exemplo, "Extirpação do Mal", que ela apresentou em 1994, na Bienal de São Paulo, e a série "Língua", de 1998, presente na mostra. "São pinturas tridimensionais, que formam uma arquitetura, revestida de azulejos ou de cerâmica, que também revela o que está por detrás da superfície", diz.

Como não segue uma linha do tempo, a exposição também apresenta, num mesmo espaço, obras que seguem caminhos distintos, mas nem tanto. "As saunas, por exemplo, exploram a ilusão de espaço, o 'trompe l'oeil'. Os pratos, de certa forma, fazem o mesmo, misturando elementos tridimensionais e outros representados apenas por pintura. São estratégias de questionar nossa compreensão visual, explorando os limites entre a superfície da pintura e sensação de espaço", explica.

Adriana Varejão nasceu em 1964, no Rio de Janeiro. cursou engenharia na PUC-Rio, mas não concluiu o curso. Em 1983, iniciou cursos livres na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV). No ano seguinte, o lugar recebeu a mítica exposição "Como Vai Você, Geração 80?", de que participaram Beatriz Milhazes e Daniel Senise, entre outros. Para a artista, ela se sentiu à época, em relação a seus pares de EAV, um tanto anacrônica.

"Nos anos 1980 houve uma volta à pintura, já mais hedonista e com certa euforia, depois da produção de maior cunho político da ditadura. Mas, na década seguinte, na arte brasileira, o neoconcretismo era a vertente dominante, com o reconhecimento internacional de Helio Oiticica e Lygia Clark. E minha obra era mais ligada ao barroco, a uma arte mais teatralizada, da figuração com simulação", diz.

Volz argumenta que, desde aquela virada de década, Varejão seguiu uma pesquisa conceitual, "muito mais que alguns dos colegas pintores conhecidos como Geração 80", e que se aproxima mais da obra de outro contemporâneo, Nuno Ramos, "cuja pintura desenvolve, com o passar do tempo, uma ocupação do espaço".

Para Varejão, um dos primeiros pontos de inflexão de sua carreira foi a exposição "Terra Incógnita", de 1992, um momento de "virada em relação às narrativas históricas, como a paródia do cartógrafo, de 'Mapa de Lopo Homem', ou 'Filho Bastardo', parodiando por sua vez Debret e representações que aprendemos a adotar como verdades históricas", diz.

Nas palavras de Volz, "são quase ficções históricas, que fazem referências e uma crítica à representação da cultura colonial. Ela reage a este legado, no qual está inserida, pois como pintora também teve, em sua formação, este olhar eurocêntrico como ponto de partida".

Além do Inhotim, obras de Adriana Varejão estão presentes, no Brasil, no MAM-Rio e no MAM de São Paulo. Lá fora, tem criações no acervo do Guggenheim Museum e do



Metropolitan Museum of Art, em Nova York, e da Tate Modern, em Londres.

Márcia Fortes, da galeria Fortes D'Aloia & Gabriel, representa Varejão no mercado brasileiro desde 1996. Ela ressalta que a artista, apesar do sucesso alcançado, jamais se acomodou.

"O léxico visual tão particular pelo qual ela se tornou conhecida reaparece sempre com novas camadas de complexidade. Não à toa se tornou uma das artistas mais bem-sucedidas de sua geração em todo o mundo, e vimos a valorização de seu trabalho da casa das dezenas de milhares de dólares para centenas. Uma 'clássica' pintura azulejada de sua autoria valia US\$ 10 mil em 2000, enquanto uma obra análoga hoje vale US\$ 400 mil", diz. (ES) ■

No início de sua carreira, nos anos 1980, Adriana Varejão se sentia anacrônica: "Minha obra era mais ligada ao barroco, a uma arte mais teatralizada"